

# AUGUSTO CURY

O PSIQUIATRA MAIS LIDO DO MUNDO NA ATUALIDADE

# O CAÇADOR DE CORRUPTOS



A CURA PARA O VÍRUS DA CORRUPÇÃO  
ESTÁ DIANTE DE NOSSOS OLHOS

DO AUTOR  
MAIS LIDO DAS  
ÚLTIMAS DÉCADAS  
com dezenas de  
milhões de livros  
vendidos

 Planeta



**AUGUSTO CURY**

**O**

**CAÇADOR**

**DE**

**CORRUPTOS**

A cura para o vírus da corrupção  
está diante de nossos olhos



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Augusto Cury, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Laura Folgueira  
*Revisão:* Algo Novo Editorial  
*Projeto gráfico:* Fabio Oliveira  
*Diagramação:* Anna Yue  
*Capa:* Rafael Brum  
*Imagens de capa:* francescoc/iStock Photo; RH/iStock Photo; filipefrazao/iStock Photo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cury, Augusto  
O caçador de corruptos: A cura para o vírus da corrupção está  
diante de nossos olhos / Augusto Cury. – 1. ed. – São Paulo:  
Planeta, 2021.  
240 p.

ISBN 978-65-5535-633-5

1. Ficção brasileira 2. Corrupção na política I. Título

21-5683

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# Sumário

Um voo inesperado .....	7
Vírus com várias cepas .....	25
Reencontro com o passado .....	38
Forasteiro de si mesmo .....	47
Refém de um personagem .....	66
Um menino e seus fantasmas .....	76
A Revolução Francesa e a guilhotina.....	88
Todo carrasco constrói seus monstros .....	98
Himmler: o agrônomo que assassinou milhões .....	107
Direito de escolher.....	118
Um homem ousadíssimo.....	127
A necessidade neurótica de poder.....	133
A droga das drogas .....	144
O maior julgamento da história.....	151
Quem apaga a luz?.....	161
Estranhos em família .....	172
O grande provocador da mente .....	179

Julgar sem conhecer.....	188
Só os amigos traem .....	198
Sócrates: ser fiel à consciência até a morte .....	209
O golpe dos íntimos .....	222
Uma incrível história de amor.....	230



## Um voo inesperado

O avião Airbus A320 decolou de Barcelona para Düsseldorf, na Alemanha. Suas turbinas rasgaram o ar com uma força brutal. Subiu a 38 mil pés, suavemente, para o que prometia ser um voo tranquilo. Porém, trinta minutos depois, turbulências perturbadoras sequestraram a tranquilidade dos passageiros. Não parecia uma “turbulência de céu claro” comum, mas algo mais grave.

Mentes inquietas, emoções asfixiadas, cérebros em pânico. Os ateus desapareceram na aeronave descontrolada, procurando recursos sobre-humanos, porque o DNA, o segredo da vida, tem sede e fome incontroláveis de viver. Dez trilhões de células constituem o corpo humano, nenhuma delas programada para morrer. Mecanismos cerebrais foram acionados com rapidez, pressões sanguíneas e ventilações pulmonares foram às nuvens para que os passageiros fugissem da situação de risco. Mas para onde?

A comissária de bordo, preocupada com a segurança, interveio sem demora:

— Atenção, senhores passageiros, estamos passando por uma área de turbulência. Sentem-se e apertem os cintos!

No meio da imensa aeronave, algo estranho acontecia. Dois personagens, distantes dois passos um do outro, estavam em pé no corredor e não tinham onde se sentar. O primeiro exalava serenidade, o segundo parecia em estado de choque. O primeiro tinha cabelos grisalhos, seu semblante carregava as marcas do tempo; ele vira e experimentara tantos dramas em sua longa jornada existencial que nada parecia abalá-lo. O segundo era moreno, alto, cinquenta anos, austero e ambicioso, mas estava abaladíssimo – não apenas pelas turbulências, mas porque, pela primeira vez, sentia-se desorientado no tempo e no espaço. Seus pés estavam fixos no piso de aço da aeronave, mas sua mente não tinha solo em que se apoiar.

O primeiro sorria para os passageiros e acenava para as crianças assustadas, tentando distraí-las diante dos solavancos do avião; o segundo olhava perplexo para a frente e para os lados, parecia um bebê expulso do útero materno, observando um ambiente estranho aos seus olhos. Era um “rato” de aeroporto, voara inúmeras vezes, mas nunca daquele modo, sem poltrona para se sentar. Eram audíveis seus questionamentos ansiosos:

— O que estou fazendo nesta aeronave? Como cheguei a este lugar? Não me recordo de ter feito o check-in!

Simplesmente não se lembrava de ter embarcado. Não sabia qual era o destino do voo. Não conhecia nenhuma daquelas pessoas. Observava os passageiros, mas eles pareciam não falar sua língua. Era um homem inteligentíssimo, mas aparentava estar tendo um surto psicótico. A mente do advogado hábil, arguto, seguro, um político respeitado em sua nação e em outros países, estava desmoronando. Seu nome era Napoleon Benviláqua. Não era poderoso como o ditador francês, mas tinha tudo para se tornar um dos grandes líderes mundiais. Sua coragem e segurança derretiam-se como gelo dentro da fatídica aeronave.

— O senhor sabe para onde estamos indo? — perguntou a um sujeito de cerca de quarenta anos, que trajava terno e

gravata. Mas o homem, agarrado aos braços da poltrona, sequer ergueu os olhos para ele.

— E a senhora, sabe de onde partimos? — indagou a uma mulher ruiva de meia-idade. Mas ela o ignorou como se ele não existisse.

— Sentem-se! — alguns gritavam.

— Mas onde? — disse Napoleon. — Não sei nem o número de minha poltrona!

A aeronave estava lotada, e não havia lugar para os dois passageiros que estavam de pé. O cérebro de Napoleon entrou em estado de alerta máximo. Seu fluxo sanguíneo aumentou ainda mais, seu coração disparou como um cavalo indomável, seus pulmões perderam a serenidade. Jamais ficara tão perturbado. De repente, o enigmático homem de cabelos grisalhos, caminhando com razoável equilíbrio num avião instável, aproximou-se de Napoleon. E, em vez de acalmá-lo, colocou combustível em seu caos emocional. Sua voz era imponente, mas branda.

— Eu o trouxe aqui.

No exato momento em que disse essas palavras, a turbulência começou a ceder. Todos respiraram aliviados, mas não Napoleon, que levou um susto com a afirmação. Virou-se para trás como se estivesse diante de um terrorista.

— Você me trouxe aqui? Como assim? Não o conheço!

— Mas eu o conheço muito bem — disse o estranho, convicto.

— De onde me conhece? É um dos meus eleitores?

— Ou um dos seus opositores...

Ao ouvir essa palavra, o político deu um passo para trás, dando a deusa para o idoso ironizá-lo.

— Sempre pensando em política. Como tantos da sua casta, sempre vestindo um personagem, homem. Um representante da massa que ama mais a maquiagem do que o conteúdo.

Napoleon ficou intrigado e ofendido com a resposta. Era um especialista em colocar jurados e promotores contra a parede quando debatia magistralmente no fórum, e também



quando discutia com seus adversários políticos no senado e na câmara federal. Entretanto, agora fugiam-lhe os argumentos. Sob as chamas da tensão, perguntou:

— Que absurdo. Quem é você?

— Nunca pergunte quem sou sem se despir de sua arrogância.

— Você parece tão...

— Frágil?

— É... Eu exijo uma resposta. Como me trouxe aqui? E com que autorização?

— Com que autorização? Ora, com a sua. Estou saciando sua sede.

— Sede de quê?

— Do que tem mais sede, homem, de água ou de poder?

— Eu não entendo o que você diz...

— Você cuspiu em meu rosto e me desafiou — falou o estranho com sua poderosa voz.

— Eu? Está maluco! Nunca te vi.

— Nunca te vi, mas sempre te pisei... Eu sou um caçador de políticos e estou levando-o para uma longa viagem.

Napoleon, recuperando seu habitual ar de prepotência, reagiu:

— Mas que loucura é esta? Você sabe quem eu sou?

Querida mostrar que era um importante líder. Mas o misterioso personagem cortou sua intenção pela raiz.

— Senhor Napoleon Benviláqua, político cortejado pelas massas e pelos meios de comunicação, viciado em ser o centro das atenções sociais, há milhares de sua laia nos Estados Unidos, Europa, Ásia, América Latina, África que precisariam urgentemente fazer uma viagem comigo, mas escolhi você, por enquanto. A classe mais profunda dos homens conhece no máximo a sala de estar de sua mente. E nessa classe você não está. Quão estranho você é para si!

\* \* \*



Antes da carreira política, Napoleon era um dos mais respeitados e combativos advogados criminalistas do seu país, um especialista em livrar réus de suas penas. Desde muito jovem jurista, era contratado a peso de ouro. Eloquente, persuasivo e perspicaz, seduzia todos com seus argumentos.

Certa vez, um rico empresário cometeu um assassinato porque, numa discussão, a vítima jogou um copo de água em seu rosto na frente de outras pessoas. O motivo era fortuito para um crime atroz. No dia da audiência, o notável promotor, o guardião da sociedade, dr. Mario Sergio, massacrara o réu, apontando sua alta periculosidade, seu enorme potencial para violência, acusando-o de, friamente, não se importar com a viúva e os filhos da vítima. Napoleon parou, pensou e tomou uma atitude ímpar.

Ciente de que a condenação do seu cliente seria inevitável, pegou um copo d'água, bebeu alguns poucos goles e se aproximou dos jurados. Em seguida, provocou-os em alto e bom som. Parecia loucura o que estava fazendo.

— Vocês são incapazes! Jurados irresponsáveis.

Em seguida, num gesto inesperado, atirou a água em seus rostos. Os jurados vestiram o manto da perplexidade, alguns ficaram irados. Napoleon, observando seus semblantes, sem demora comentou:

— Desculpem-me pelo gesto, senhores jurados. Se ficaram indiferentes ao meu comportamento e à água que lhes atirei na face, condenem meu cliente à pena máxima, mas, se sentiram golpes de raiva e indignação, então experimentaram um pouco da emoção do meu cliente quando, numa discussão, a vítima agrediu-lhe verbalmente e jogou-lhe água perante uma plateia. Desse modo, entenderão que seu comportamento foi impensado, foi motivado pelo calor da emoção, em legítima defesa da sua honra. Façam justiça. Ele não é um assassino. Libertem este réu.

Capturados pelos argumentos de Napoleon, cinco dos sete jurados votaram a favor da sua liberdade.